

**A ESCRITA E A LÍNGUA EM ESTADO DE INFÂNCIA: *O GATO E O ESCURO*, DE MIA COUTO**

**WRITING AND LANGUAGE IN STATE OF CHILDHOOD: THE CAT AND THE DARK, by Mia Couto**

**Celso Sisto<sup>1</sup>**

*Eu queria avançar para o começo.  
Chegar ao criancamento das palavras.  
Lá onde elas ainda urinam na perna.  
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.  
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que  
Não tem.*

(MANOEL DE BARROS)

**RESUMO:** Neste ensaio o pesquisador investiga o perfil do narrador ancestral, a oralidade na escrita, as fronteiras textuais e temáticas, a desconstrução dos papéis instituídos, na obra “O gato e o escuro”, do escritor moçambicano Mia Couto, e arremata sua leitura com pontos ideológicos e psicológicos.

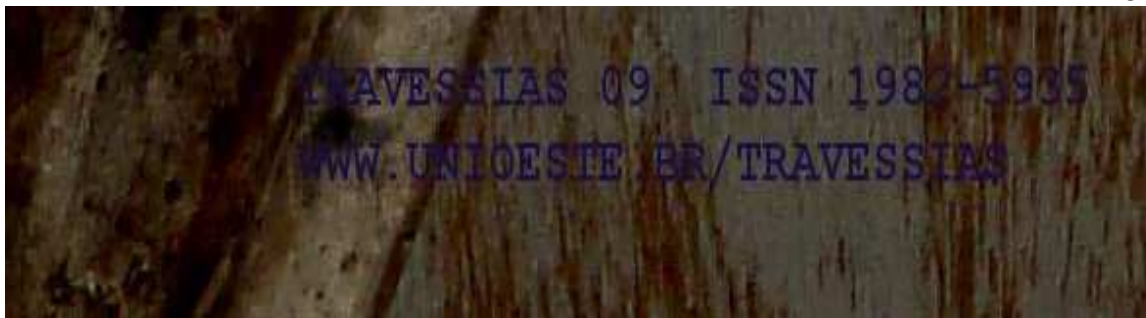
**Palavras-Chave:** literatura infanto-juvenil, narrador ancestral, oralidade, fronteiras, desconstrução

**ABSTRACT:** In this essay the researcher investigates the profile of the ancestral narrator, the textual and thematic borders, the orality in the writing, the dismantling of the instituted papers in the book “O gato e o escuro”, of the Mozambican’s writer Mia Couto, and finish his reading with ideological and psychological points.

**Key-words:** literature; child and young people; ancestral narrator; orality; borders; dismantling

---

<sup>1</sup> Celso Sisto é escritor, ilustrador, contador de histórias do grupo Morandubeté (RJ), ator, arte-educador, especialista em literatura infantil e juvenil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutorando em Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e crítico literário de várias colunas dedicadas à literatura infantil e juvenil, na mídia impressa e on line. Tem 43 livros publicados para crianças e jovens e já recebeu vários prêmios pela qualidade de suas obras. E-mail: csisto@hotmail.com

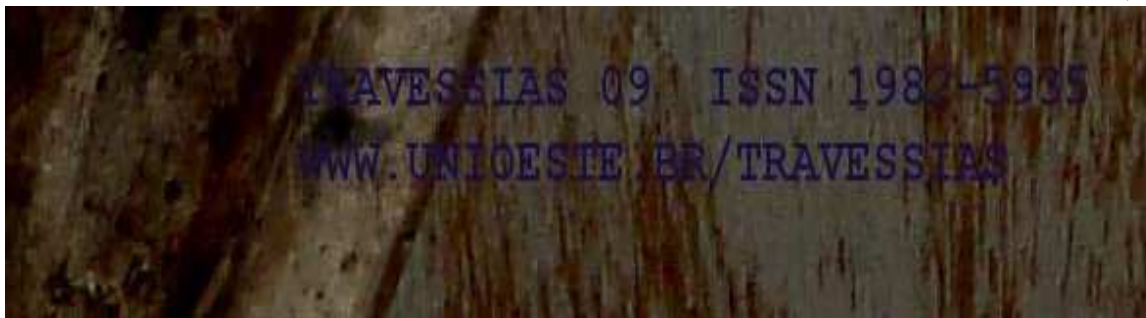


A cultura popular nos diz que o gato tem sete vidas. Uma criança, com um imaginário trabalhado, provavelmente tem muito mais. O jogo da fantasia num texto que valoriza o lúdico traz para o leitor criança o exercício da liberdade, o exercício pleno de ser criança. Transitar pelos personagens, experimentar diferentes visões de mundo, ser tudo ao mesmo tempo, refazer, modificar, remoer uma e outra parte da história, discordar do autor, concordar numa outra leitura, enfim... o limite para a convivência lúdica com um livro quase sempre é o cansaço físico. E em cada livro, novas vidas para testar! Um universo sem fim! Os bons livros acabam indo parar na brincadeira das crianças e continuam fazendo parte dos seus acervos pessoais mesmo depois de terminada a leitura. A convivência com o livro, de fato, nunca termina, se transforma, soma-se a outras leituras, antes e depois.

E é exatamente esse “para além do livro” que vai alicerçar a formação do sujeito. Uma história que fique ecoando no imaginário das crianças é uma história fundante, germinante, que fica mesmo lançando garras afiadas para todos os lados e intrometendo-se no jeito de se pensar as coisas. Mais do que o sujeito leitor, pretende-se o sujeito dê-leitor, que hábil, saiba perceber as artimanhas de um texto, seu projeto literário, suas ideologias às vezes disfarçadas em pulos de gatos! A fruição engloba essas tantas vidas de um texto, um texto-gato!

Então, nos deparamos com “o felino Pintalgato” do livro de Mia Couto. Um gato amarelo que quer desobedecer a mãe e atravessar a fronteira que separa o dia da noite. A história desse gato que quer atravessar fronteiras, quer queria ou não o autor, nos faz pensar também em fronteiras políticas. De qualquer forma fronteira é divisão, é separação, é vigilância. Mas também é ela que possibilita a mistura e regula as relações. Pintalgato, depois de atravessar a linha proibida, fica com algumas marcas, pedaços do seu corpo ficam negros, antes que ele inteiro fique da cor da escuridão. O livro é um convite à ultrapassagem das fronteiras e uma demonstração da luta contra o medo. O medo em suas diversas facetas. Mas não nos adiantemos, pondo fronteiras e terceiras margens antes de vislumbrarmos os lados.

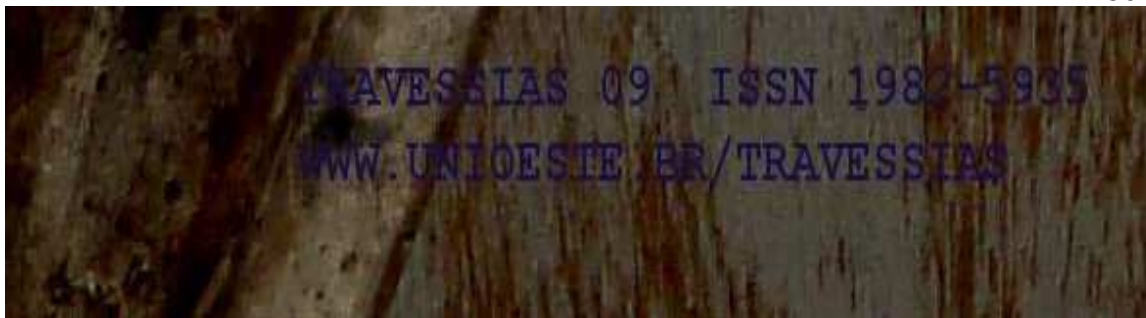
**Celso Sisto**



### Em busca da tradição

No início do texto, o narrador dirige-se aos filhos: “Vejam, meus filhos, o gatinho preto, sentado no cimo desta história. Pois ele nem sempre foi dessa cor. Conta a mãe dele que, antes tinha sido amarelo, às malhas e às pintas. Tanto que lhe chamavam o Pintalgato” (COUTO, 2008, p. 6). Esse narrador, que recupera em si a figura de um narrador ancestral, remete-nos para a tradição oral. Convida-nos ao ritual do narrar. Mas a oralidade aqui é uma oralidade revisitada pela pena do escritor, que hábil em aproximar a língua do poético e da invenção, deixa-nos entre-olhar seu texto em estado nascente, como brincadeira de criança, quando ele diz “faz de conta o pôr-do-sol fosse um muro. Faz mais de conta ainda os pés felpudos pisassem o poente” (p. 9). A narração oral, que recupera a espontaneidade no narrador, promove a linguagem em nascimento freqüente, criada ali na presença do ouvinte. Daí as palavras inventadas pelo autor recuperarem aqui esse frescor, esse confeito ficando pronto, como algodão-doce que se vê surgir no girar dos cristais de açúcar, palavras rodopiando numa história que se faz brinquedo, palavras do tipo *namoriscando*, *pirilampiscavam*, *tiquetaqueava*, *andou sobranceado*, *noitidão*, *despersianar os olhos*, *arco-iriscando*, *ataratonto* etc., etc. Ou, entrelaçadas nas imagens poéticas, como “*o espanto ainda o abraçava quando escutou a voz da gata grande.*” (ibidem, p. 31), ou como “*quando olhava o escuro, a mãe ficava com os olhos pretos. Pareciam cheios de escuro. Como se engravidassem de breu, a abarrotar as pupilas*” (p. 34). Essa escrita poética alonga as palavras, de forma a recobri-las também de um andar leve, como o de um gato mesmo! A palavra retrátil é a palavra desse narrador oral na escrita.

E nós leitores somos ao mesmo tempo os filhos e os que olham, pelas frinças das folhas, pelos desvãos das linhas do livro, como brincadeira de esconde-esconde (ou quem sabe, revela-revela?). O autor diz na introdução do livro: “O que me encanta no acto da escrita é surpreender tanto a escrita como a língua em estado de infância. E lidar com o idioma como se ele estivesse ainda em fase de construção, do mesmo modo que uma criança converte o mundo inteiro num brinquedo” (idem, p. 5). Converter o mundo inteiro



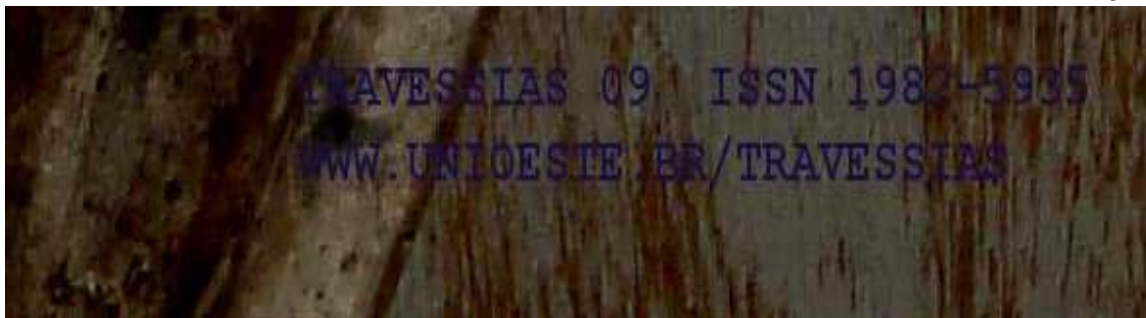
num brinquedo é a possibilidade de olhar as coisas com proveito, com prazer, chamá-las a fazerem parte de um universo lúdico. Tudo pode ser brinquedo! O estado de infância da literatura nos remete sempre para a literatura oral, abundante de “era uma vez” e grávida de “faz de conta”. E esse pai-narrador popular é também um contador de segredos.

### **Abolindo fronteiras**

A história de Mia Couto, uma maneira de brincar com o imaginário, tematiza a “trespassagem de claro para escuro”, que é o sinal da desobediência e ao mesmo tempo a lembrança, a marca, o prazer e o susto: “*o Pintalgato chegava ao poente e espreitava o lado de lá. Namoriscando o proibido, seus olhos pirlampiscavam*” (ibidem p. 10). Ao infringir a lei sancionada pela mãe, o gato volta dos passeios além da linha claro-escuro do horizonte, com algumas partes pretas. Sinal aparente da desobediência. Estamos então diante da convocação da abolição das fronteiras: entre a literatura para criança e a literatura para adulto; entre o dia e a noite; entre o claro e o escuro; entre o real e o imaginário. A fronteira que fomenta o medo também se levanta contra o maniqueísmo, que é também essa divisão polarizada, binária. Explodir o binarismo é resgatar todas as possibilidades, comportar todos os outros. Ir além também da uniformidade do mundo, delineado muitas vezes nos próprios contos populares.

Em muitas das histórias populares da África negra, os papéis zoológicos são previamente demarcados: a espreiteza da lebre, a inteligência da tartaruga, a estupidez da hiena, a soberania do leão, etc. Mas aqui, neste livro, estamos diante de dois animais, não dos mais explorados pela literatura popular africana. O gato, que nos remete também ao Egito antigo, e o pangolim, que tem uma forma curiosa e uma função mística. É novamente à tradição oral que o narrador-contador evoca, ao comparar o gato à figura do pangolim, o gato “*escondido num canto, mais enrolado que o pangolim*” (p. 14). O pangolim (ou halakavuma), um tamanduá africano, que parece uma mistura de tartaruga com um crocodilo em miniatura, um dinossauro cheio de escamas. Os moçambicanos acreditam que quem vê essa criatura torna-se abençoado pelos deuses. Ele é o mensageiro, enviado

**Celso Sisto**



aos homens, pelos deuses. Quando o animal aparece, um grande ritual deve ser realizado, para que se possa desvendar a mensagem que ele traz. Dizem que muitas vezes vem avisar sobre a falta ou excesso de chuva, que provocará fome ou abundância para a região. Ninguém consegue prender um pangolim por muito tempo. Assim como aparece, desaparece em poucos dias. Mas ele também precisa ser ritualizado, para que sua mensagem torne-se clara, para que a mensagem venha á tona.

Pois nesse trânsito entre claro e escuro, estão situados o gato e o pangolim. O gato de Mia Couto andando sobranceiro noite adentro, na escuridão é já um gato que não se vê a si mesmo, totalmente fundido ao escuro dominante ou voluntariamente cego. Some no escuro, e só então pode se deparar com o outro, o escuro alçado à categoria de personagem (portanto antropomorfizado) é o seu igual. Ainda que depois o narrador diga que tudo era sonho, e não desfaça a mudança do gato amarelo, que ficou preto, como ele logo nos diz, no início da história. Ainda que a mãe do gato convide o escuro para ser seu filho, ainda que Pintalgato reaja assim:

*“O pintalgato até se arrepiou, vendo um irmão tão recente.  
- Mas, mãe: sou irmão disso aí?  
- Duvida, Pintalgatito? Pois vou lhe provar que sou mãe dos dois. Olhe bem para os meus olhos e verá”.* (ibidem, p. 32)

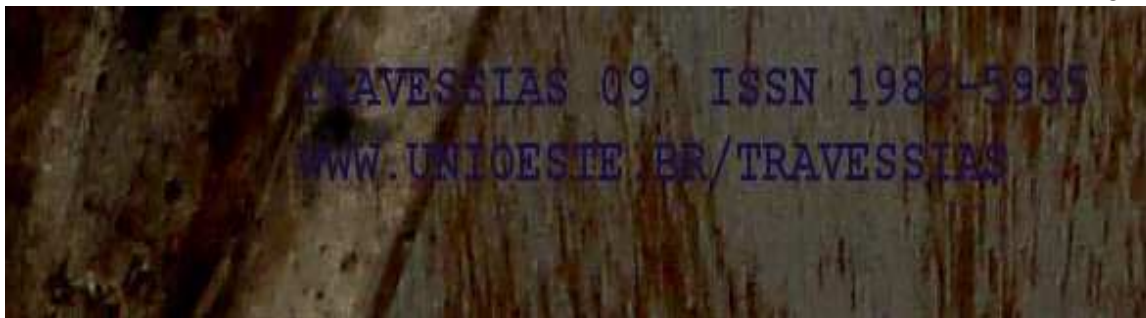
Esse escuro, tornado gato pela gata grande, antes em estado de antecoisia, de coisa alguma, deshierarquiza o mundo e as relações no universo da história de Mia Couto.

### **O ritual da desconstrução**

Das marcas simbólicas do gato, ainda resistem as diferenças culturais. Se os gatos eram venerados na Pérsia antiga, eram associados a maus espíritos na Europa cristã da Idade Média. Enquanto na Pérsia acreditava-se que os gatos pretos eram espíritos amigos, criados especialmente para fazerem companhia ao homem na Terra, na Europa cristã os gatos pretos eram acusados de serem companhia das bruxas. Enquanto na Pérsia antiga quem maltratava um gato maltratava a si mesmo, na Europa cristã queimavam-se os gatos

**Celso Sisto**





pretos junto com as pessoas que eram acusadas de bruxaria. Até hoje ainda impera a idéia de que toda bruxa tem um gato preto de estimação. Portanto, o gato é associado aos mais diversos tipos de sortilégios. E histórias de sorte e azar associadas a gatos pretos povoam o imaginário popular.

Mia Couto, em seu livro “O gato e o escuro” ajuda a desconstruir essa idéia. Ele nos conta sobre a cor de Pintalgato: “Diz-se que ficou desta aparência em totalidade negra, por motivo de um susto” (p. 8). Mas o susto é branqueador, já que na cultura popular se diz “ficar branco de susto”! Aqui o gato fica negro de susto, precisamente o contrário, o inverso. E mais inversões são propostas, desestabilizando os lugares instituídos, como no trecho em que a gata mãe está empenhada em consolar o escuro:

*“O escuro ainda chorava:  
 - Sou feio. Não há quem goste de mim.  
 - Mentira, você é lindo. Tanto como os outros.  
 - Então por que não figuro nem no arco-íris?  
 - Você figura no meu arco-íris.  
 - Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo do escuro.  
 - Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós.  
 - Não entendo, Dona Gata.  
 - Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me entende?  
 - Não estou claro, Dona Gata” (ibidem, p. 25)*

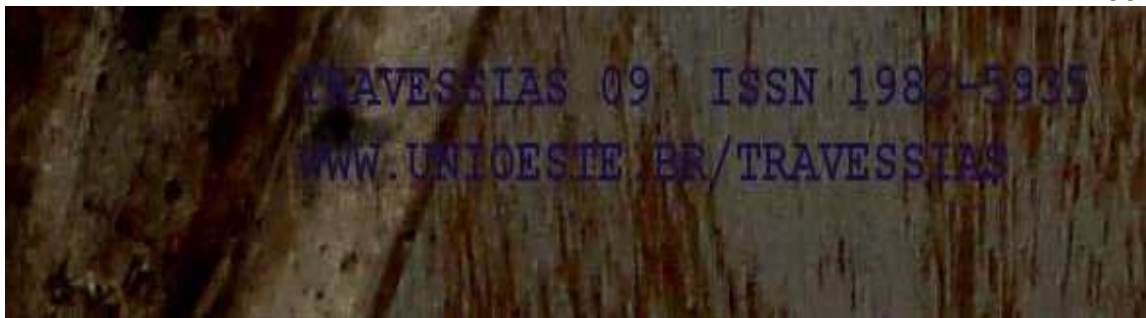
O medo que é prontamente associado à escuridão, tem muitas faces: a que atrai, a que imobiliza, a que fortalece (depois do enfrentamento e da vitória), a que faz criar para estancar, para fazer passar, para contornar. É preciso olhar as coisas por todos os lados. E não são apenas dois os lados, são muitos, para além do binarismo!

A possibilidade de garantir o futuro é exatamente essa relativização do medo, expresso na fala da Dona Gata: “Não é você que mete medo. Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos” (Ibidem, p. 26-27).

E o ritual da desconstrução atinge seu auge, quando o narrador anuncia:

*“A mãe gata sorriu bondades, ronronou ternuras, esfregou carinho no corpo do escuro. E foram carícias que ela lhe dedicou, muitas e tantas que o escuro adormeceu. Quando despertou, viu que as*

**Celso Sisto**

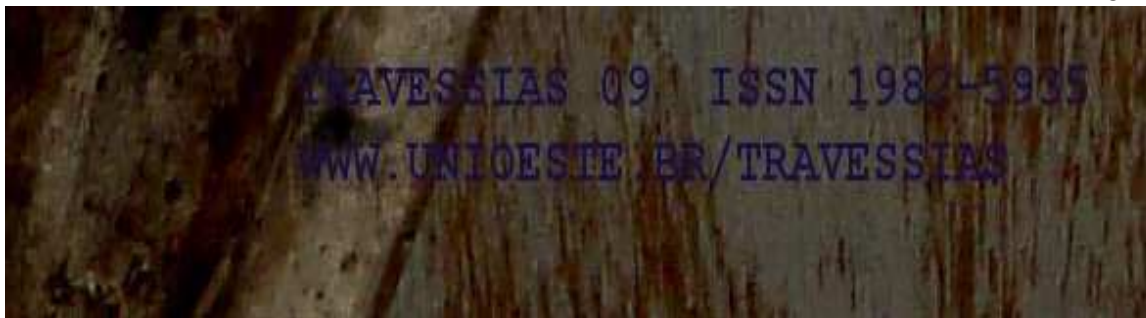


suas costas estavam das cores todas da luz. Metade de seu corpo brilhava, arco-iriscando. Afinal?” (ibidem, p. 28).

### **Por fim, os espelhamentos**

Se o escuro está dentro, o gato que ficou preto virou do avesso? Então, se pode ler essa história como quem lê o de dentro e o de fora, e tudo o que vai entre um e outro. A linha divisória é apenas a pele, que separa.

Poderíamos então ver este texto como um texto ritual. Um texto em forma circular, que se enrodilha sobre si mesmo, muitas vezes. Essa estrutura que nos remete para o abismo: “*Então, o gatinho Pintalgato espreitou nessa fenda escura como se vislumbrasse o abismo*” (p. 37). Esse texto que multiplica as imagens na retina, como quando Pintalgato olha o fundo dos olhos de sua mãe e constata: “*Por detrás dessa fenda o que é que ele viu? Adivinharam? Pois ele viu um gato preto, enroscado do outro lado do mundo*” (p. 37). Ele poderia certamente ver a multiplicação dos gatos sagrados, do Egito, quem sabe, até o Gato de Botas, sem esquecer do Gato de Cheshire, Tom, Félix, Manda Chuva, Frajola, Fígaro, Garfield. Todos os gatos atados à imaginação. Mas não nos esqueçamos do caráter subversivo do gato. Ninguém consegue prender um gato (como o pangolim, heim?). Ele é feito para alongar as fronteiras. Para mudá-las de lugar. Para desestabilizar os muros. Ainda que a intenção maior seja, fazer adormecer, como diz Mia Couto: “*à força de contar histórias para meus filhos adormecerem, inventei uma convicção para mim mesmo e acredito que invento histórias para que a Terra inteira adormeça e sonhe. O escritor traria, assim, o planeta ao colo*”. Adormecer não é calar. Não é estancar o córrego da criação. É acalantar, acalantar. Lembremos, ainda uma vez que a deusa da fertilidade e da felicidade, no Egito antigo, benfeitora e protetora do homem, era representada como uma mulher com cabeça de gato e frequentemente figurava acompanhada de vários outros gatos em seu entorno. Pois não é também no escuro dos sonhos que se podem gestar as histórias? Pois que elas saltem gatitas, para que seja preciso sim chamar “O flautista de Hamelin”, mas isso, evidentemente, já é uma outra história!



Há um provérbio de origem africana em que podemos constatar essa característica de infinitude da vida: "uma vez que é dia, depois noite, qual será o fim deles?". Também reside aí o enigma da infinitude das histórias que saltam muros e telhados e com garras afiadas vão rasgando essa tênue camada que as separa do mundo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COUTO, Mia. **O gato e o escuro**. Ilustrações de Marilda Castanha. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2008.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro, Record, 1996.